

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

JOÃO PEDRO DO AMARANTE SANTOS

**ABRINDO AS CARTAS DE TARÔ: UM ESTUDO SOBRE FONTE DE
INFORMAÇÃO EM CONTEXTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS**

TERESINA - PI

2025

JOÃO PEDRO DO AMARANTE SANTOS

**ABRINDO AS CARTAS DE TARÔ: UM ESTUDO SOBRE FONTE DE
INFORMAÇÃO EM CONTEXTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Ma. Arysa Cabral Barros

TERESINA - PI

2025

S237a Santos, João Pedro do Amarante.

Abrindo as cartas de tarô : um estudo sobre fonte de informação
em contextos contra-hegemônicos / João Pedro do Amarante Santos.
- 2025.

49 f.: il.

Monografia (graduação) - Bacharelado em Biblioteconomia,
Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2025.

"Orientadora: Prof.^a Ma. Arysa Cabral Barros".

1. Tarô. 2. Fonte de informação. 3. Epistemologias contra-
hegemônicas. I. Barros, Arysa Cabral . II. Título.

CDD 028

JOÃO PEDRO DO AMARANTE SANTOS

ABRINDO AS CARTAS DE TARÔ: UM ESTUDO SOBRE FONTE DE
INFORMAÇÃO EM CONTEXTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia do Centro de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade
Estadual do Piauí, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ARYSA CABRAL BARROS
Data: 16/12/2025 14:58:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Arysa Cabral Barros (Orientadora)

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Documento assinado digitalmente



MIRLENO LIVIO MONTEIRO DE JESUS
Data: 15/12/2025 13:53:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Mirleno Lívio Monteiro de Jesus (Membro interno)

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Documento assinado digitalmente



ALUIZO CASTELO BRANCO
Data: 16/12/2025 14:35:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Aluiso Castelo Branco (Membro interno) Universidade
Estadual do Piauí (UESPI)

Dedico esse trabalho à minha mãe (*in memoriam*), às minhas mães e todas as pessoas que amam a Cartomancia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Grande Mãe, por me dar força, coragem e determinação e não me deixar desanimar nos meus piores momentos.

Agradeço a minha família por sempre estar ao meu lado, me dando o apoio necessário.

Agradeço a minha profa. orientadora Arysa Cabral, porque foi com seu apoio incondicional que esse trabalho se concretizasse.

Agradeço ao prof. Mirleno que desde sempre foi um grande incentivador e apoiador e ao prof. Aluiso pela compreensão e pela paciência.

Agradeço aos meus colegas de turma, pelo companheirismo ao longo deste percurso.

RESUMO

O tarô tem sido tradicionalmente associado a práticas esotéricas e populares. No entanto, em contextos contra-hegemônicos, ele pode ser compreendido como uma fonte de informação capaz de produzir sentidos, orientar decisões e mediar processos interpretativos. Este estudo tem como objetivo geral analisar o tarô enquanto fonte de informação, discutindo sua atuação na construção de significados informacionais. Especificamente, busca-se: examinar a transformação histórico-cultural do tarô como linguagem informacional; analisar a bibliografia disponível sobre a temática; e compreender os modos pelos quais o tarô se legitima como fonte de informação alternativa frente às epistemologias científicas dominantes. A pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa, caracterizou-se como exploratória e descritiva. As obras analisadas foram selecionadas em bases de dados virtuais durante o ano de 2025, com ênfase na SciELO e no *Google Scholar*. Os resultados evidenciam que, devido à hegemonia do paradigma científico ocidental, práticas informacionais oriundas de saberes popular, como o tarô, foram historicamente marginalizadas, apesar de seu potencial informativo e cultural. Conclui-se que o debate sobre o tarô como fonte de informação, especialmente em ambientes como bibliotecas, instituições tradicionalmente dedicadas à preservação, mediação e difusão do saber, pode favorecer reflexões mais amplas sobre diversidade epistemológica, pluralidade cultural e inclusão de saberes não hegemônicos no campo informacional.

Palavras-chave: tarô; fonte de informação; epistemologias contra-hegemônicas.

ABSTRACT

The tarot has traditionally been associated with esoteric and popular practices. However, in counter-hegemonic contexts, it can be understood as an information source capable of producing meaning, guiding decisions, and mediating interpretive processes. This study aims to analyze tarot as an information source, discussing its role in the construction of informational meanings. Specifically, it seeks to examine the historical and cultural transformation of tarot as an informational language; review the available literature on the subject; and understand the ways in which tarot legitimizes itself as an alternative information source in relation to dominant scientific epistemologies. The research, bibliographic and qualitative in nature, is characterized as exploratory and descriptive. The works analyzed were selected from virtual databases throughout 2025, with emphasis on SciELO and Google Scholar. The results indicate that, due to the hegemony of the Western scientific paradigm, informational practices rooted in popular knowledge—such as tarot—have been historically marginalized despite their informational and cultural potential. The study concludes that discussing tarot as an information source, especially in environments such as libraries, institutions traditionally dedicated to the preservation, mediation, and dissemination of knowledge, may foster broader reflections on epistemological diversity, cultural plurality, and the inclusion of non-hegemonic knowledge within the informational field.

Keywords: tarot; information source; counter-hegemonic epistemologies.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

BnF	Biblioteca Nacional da França
CBD	Conver-Ben-Dov
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
LGBTQIAPN+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários, (+) inclui todas as demais orientações sexuais e identidades de gêneros não explícitas na sigla
PI	Piauí
RWS	Raider-Waite-Smith
SP	São Paulo
UESPI	Universidade Estadual do Piauí

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Dados e peões da época romana.....	19
Figura 2	- Cartas mamelucas, Egito, século XV.....	19
Figura 3	- Carta de jogo chinesa, 1400.....	20
Figura 4	- Gravura do Mestre E. S., O Bufão e a Dama com Escudo,..... 1450-1470. BnF	21
Figura 5	- O baralho de Stuttgart, Paris 1869, BnF.....	22
Figura 6	- Mestre das cartas, Rainha das Flores.....	22
Figura 7	- Valetes de Glandes e 8 de Glandes (cartas alemãs).....	23
Figura 8	- Valetes de Glandes e 8 de Glandes (cartas alemãs).....	23
Figura 9	- Cartas italianas, século XV.....	23
Figura 10	- O Louco, de Tarô de Rider-Waite-Smith.....	29
Figura 11	- Naipes.....	31
Figura 12	- Bonifácio Bembo.....	41
Figura 13	- O Tarô no estilo Nicolas Conver.....	42
Figura 14	- Etteilla.....	42
Figura 15	- Oswald Wirth.....	43
Figura 16	- Papus.....	44
Figura 17	- Arthur Edward Waite.....	45
Figura 18	- Pamela Colman Smith.....	45
Figura 19	- Alejandro Jodorowsky.....	4
Figura 20	- Yoav Ben-Dov.....	47
Figura 21	- Nei Naiff.....	47
Figura 22	- Rachel Pollack.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	12
3	FONTES DE INFORMAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS CONTRA-HEGEMÔNICA.....	14
4	O TARÔ COMO SISTEMA SIMBÓLICO E PRÁTICA INTERPRETATIVA.....	18
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES: PERSPECTIVAS SOBRE O TARÔ COMO UM SABER CONTRA-HEGEMÔNICO.....	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A - MINIBIOGRAFIAS DE PERSONALIDADES QUE DESENVOLVERAM TARÔS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A produção do saber na sociedade contemporânea é majoritariamente moldada por epistemologias ocidentais de cunho científico-racional, que se apresentam como universais, neutras e superiores. No entanto, essa hegemonia epistemológica tem sido questionada por marginalizar e deslegitimar saberes oriundos de grupos subalternizados, como os povos indígenas, afrodescendentes e comunidades tradicionais.

Conforme argumenta Naiara Cristina Santos de Souza e André Marques do Nascimento (2018) essa lógica cria uma hierarquia de conhecimento e exclui sistematicamente saberes que não se alinham aos paradigmas da racionalidade ocidental, reduzindo a pluralidade epistêmica a uma monocultura do saber científico.

É nesse contexto que o tarô pode ser compreendido como uma prática informacional significativa, especialmente entre grupos historicamente marginalizados. Mais do que um instrumento de adivinhação, o tarô é utilizado como um dispositivo de autoconhecimento e reflexão, permitindo a elaboração de narrativas pessoais e coletivas. Sua prática desafia e introduz formas de conhecimento que operam em lógicas distintas daquelas privilegiadas pelo modelo científico hegemônico.

Apesar de sua relevância simbólica, o tarô tem sido desqualificado nos discursos acadêmicos e nos ambientes de legitimação do saber, sendo associado a charlatanismo ou superstição. Essa exclusão reflete uma hegemonia que privilegia o conhecimento ocidental racionalista e empiricamente verificável, em detrimento de epistemologias alternativas ou não convencionais.

Como aponta Greenberg (2023), o desprestígio acadêmico atribuído ao tarô revela as marcas de um projeto de modernidade que insiste em deslegitimar formas de saber não alinhadas ao modelo eurocêntrico. Essa lógica se perpetua também por meio de barreiras linguísticas e culturais que dificultam a difusão e a aceitação de perspectivas não ocidentais nos espaços acadêmicos (Orion Noda, 2020).

Nesse sentido, a presente pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre o tarô como uma prática informacional situada em contextos contra-hegemônicos. Assim, tem-se a **pergunta suleadora**: de que forma o tarô pode ser compreendido como uma fonte de informação em contextos contra-hegemônicos?, a qual visa explorar o potencial do tarô como dispositivo de construção de sentido e produção de

conhecimento em sua pluralidade e simbologias. Trata-se, portanto, de uma tentativa de romper com a lógica epistêmica moderna e ampliar os horizontes de investigação na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, incluindo práticas simbólicas e culturais historicamente marginalizadas.

A escolha do tema também se justifica por seu valor pessoal e profissional para o pesquisador, que atua como cartomante e desenvolve estudos sobre o tarô como linguagem simbólica e um dispositivo de escuta e orientação. A pesquisa pretende contribuir com o combate à desinformação e ao preconceito em torno de práticas não convencionais de saber, favorecendo a disseminação de informações verídicas e uma visão crítica sobre a pluralidade epistemológica. Além disso, busca abrir espaço para o reconhecimento e a valorização de epistemologias situadas, ampliando o escopo de investigação no campo da Biblioteconomia e reafirmando seu compromisso com a inclusão, a diversidade cultural e o respeito aos saberes populares e ancestrais.

Esta pesquisa possui como **objetivo geral** analisar o tarô enquanto fonte de informação, considerando seu papel na construção de sentidos informacionais em contextos culturais contra-hegemônicos. Para isso, tem-se os seguintes **objetivos específicos**:

- a) percorrer sobre a percepção histórica e os elementos simbólicos do tarô enquanto linguagem informacional;
- b) realizar um mapeamento bibliográfico das produções acadêmicas que abordam o tarô sob perspectivas simbólica, informacional e cultural;
- c) compreender a legitimidade do tarô como fonte de informação alternativa frente às epistemologias ocidentais e científicas dominantes.
- d) Investigar o lugar da biblioteca na legitimação do tarô como fonte de informação.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo geral é analisar o tarô enquanto fonte de informação, considerando seu papel na construção de sentidos informacionais em contextos culturais contra-hegemônicos. Para atender a esse propósito, a metodologia foi organizada de modo a contemplar os objetivos específicos definidos para o estudo.

Assim, esta investigação, de natureza exploratória e descritiva, segundo Gil (2008), uma pesquisa exploratória é um tipo de investigação que busca levantar informações preliminares, geralmente utilizada em áreas pouco estudadas, ela visa um melhor entendimento de um fenômeno pouco conhecido, servindo de uma base para outros estudos mais aprofundados. Para Marconi e Lakatos (2017) uma pesquisa descritiva se preocupa em retratar a realidade de uma forma detalhada, sistemática, sem interferência nos fenômenos observados, e pôr fim a pesquisa bibliográfica permite o acesso a um conjunto de conhecimentos já sistematizados, possibilitando uma compreensão atualizada sobre determinado tema. Conforme Severino (2013), consiste no uso de materiais já elaborados, como livros, artigos científicos, enciclopédias e ensaios, que servem como base teórico-analítica para o pesquisador. Assim, a pesquisa fundamenta-se predominantemente em artigos científicos por se constituírem como fontes de conhecimento mais recentes.

As etapas de uma pesquisa bibliográfica consiste em: **definição do tema e problema de pesquisa** - onde há uma delimitação clara do objeto de estudo e formulação das questões para a pesquisa; **levantamento das fontes de informação** - há a busca em bases de dados, periódicos científicos, livros, teses e dissertações; **leitura exploratória** - identificação dos textos para o problema de pesquisa; **leitura seletiva e analítica** - seleção dos materiais mais adequados para o tema; **organização das informações** - registro das informações, citações e referências; **síntese e construção do referencial teórico** - é feita uma coesão das informações coletadas. (Severino, 2016)

O material utilizado foi selecionado por meio de buscas em bases de dados virtuais durante o ano de 2025, com ênfase na SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e no *Google Scholar*. Para a localização dos textos, foram empregados os descritores “tarô”, “fonte de informação” e “baralho de cartas”. Os critérios de seleção consideraram produções que abordassem aspectos históricos do tarô, suas

dimensões simbólicas, culturais e antropológicas, bem como discussões sobre o tarô enquanto linguagem informacional e como fonte alternativa às epistemologias ocidentais hegemônicas.

A análise do material foi estruturada em etapas articuladas aos objetivos específicos. Para o objetivo de discorrer sobre a percepção histórica e os elementos simbólicos do tarô, foram sistematizadas as produções que tratam da história dos jogos, das possíveis origens do tarô e de sua evolução simbólica. Para o objetivo de realizar um mapeamento bibliográfico, procedeu-se ao levantamento, organização e descrição dos textos identificados nas bases consultadas, classificando-os segundo ano de publicação, abordagens teóricas e contribuições ao campo da informação. Já para compreender a legitimidade do tarô como fonte de informação alternativa, os dados foram interpretados à luz das discussões sobre epistemologias plurais, colonialidade do saber e sistemas simbólicos não hegemônicos.

Os dados coletados foram analisados considerando seus aspectos históricos, culturais e simbólicos, permitindo delinear uma cronologia da tarologia e compreender a evolução dos significados atribuídos ao tarô. A interpretação do material buscou identificar como esse sistema simbólico se constitui como fonte de informação, especialmente em contextos que desafiam a visão ocidental e científica dominante, temas explorados pelos autores Dutra e Barbosa (2018), Silva e Ferreira (2022), por exemplo.

3 FONTES DE INFORMAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS

A informação constitui-se como conhecimento registrado em diferentes suportes (impressos, digitais, orais ou audiovisuais) e transmitido por meio de sistemas de signos, conforme aponta Le Coadic (2004). Capurro (2017) nos fala que a informação precisa ser compreendida como um processo de interpretação, sendo que o seu sentido emerge da interação entre sujeitos, discursos e contextos. Para que esse conhecimento adquira sentido, é necessária a mediação da linguagem, entendida como um conjunto de **sinais** (falados, escritos ou gestuais) que expressam pensamentos e sentimentos. O **signo**, por sua vez, resulta da combinação entre um significante (imagem acústica, palavra ou sinal gráfico) e um significado (conceito) (Michaelis, 2024).

Sob essa perspectiva, qualquer objeto pode ser compreendido como fonte de informação, desde que **responda a uma necessidade informacional específica de determinado usuário** (Campello, 2018). A autora distingue as fontes em gerais, acessíveis ao público leigo, e especializadas, que exigem conhecimento prévio do usuário. Já Cunha (2001) propõe uma classificação tripartida das fontes:

- primárias: compostas por informações originais ou interpretações diretas, como periódicos científicos, relatórios técnicos e patentes;
- secundárias: derivadas das primárias, apresentando informações organizadas e filtradas para facilitar a recuperação, como enciclopédias, dicionários e índices;
- terciárias: que reúnem e indicam as duas anteriores, a exemplo de guias, bibliografias e bases de dados.

O domínio dessas classificações, segundo Campello (2018), é essencial à prática bibliotecária, pois possibilita orientar o usuário na seleção da fonte mais adequada à sua demanda informacional. É aqui que perpassam as epistemologias plurais no campo informacional.

A epistemologia, pode ser compreendida a partir de três eixos: (1) como **reflexão filosófica** sobre o conhecimento científico; (2) como **atividade** emergente do fazer científico; e (3) como **disciplina** autônoma (Galindo, 2021). Os tempos modernos consolidaram concepções que associam a epistemologia a um modelo

único e universal de produção do conhecimento, legitimando predominantemente o paradigma científico ocidental.

A legitimação de uma fonte de informação é, portanto, um processo epistemológico que envolve a avaliação de sua **confiabilidade, relevância, validade e autoridade**. Os critérios para essa legitimação são definidos por comunidades científicas e, conforme Dutra e Barbosa (2018), incluem aspectos como autoria qualificada, revisão por pares, rigor metodológico e atualidade da informação. Silva e Ferreira (2022) complementam que a epistemologia também orienta a formulação desses critérios, devendo a avaliação considerar não apenas dimensões técnicas, mas também fatores sociais, culturais e políticos.

No viés informacional, distinguem-se ainda as **fontes formais**, vinculadas à produção científica e institucional; as **fontes não formais**, relacionadas à difusão espontânea do conhecimento em meios comunicacionais; e as **fontes alternativas**, que representam práticas e saberes não legitimados pela academia, mas dotados de valor cognitivo e social (Silva; Noll, 2020)

Ainda em relação às fontes alternativas, vale destacar a hegemonia epistemológica. Esta consolidou-se historicamente por meio da colonização, que impôs os padrões científicos europeus como únicos válidos e universais, marginalizando os saberes locais e tradicionais (Santos *et al.*, 2024). Em contraposição a essa lógica, emergem as epistemologias contra-hegemônicas, também denominadas epistemologias do Sul ou contra hegemônicas, que propõem a ruptura com o monopólio do saber. Essas perspectivas reconhecem a legitimidade de conhecimentos ancestrais, comunitários e experienciados, valorizando práticas e racionalidades plurais.

Essa categoria é vasta e inclui objetos e práticas que desafiam a noção tradicional de documento. Por exemplo, o **lixo** (resíduos, detritos) pode ser lido como fonte de informação, como na ‘garbologia’, revelando padrões de consumo, hábitos sociais e realidades econômicas que a informação formal pode omitir. Uma **estátua** ou **monumento**, para além de seu valor artístico, é uma fonte que informa sobre a memória coletiva (e as disputas em torno dela), os valores de uma época e as relações de poder que definem quem é digno de lembrança.

Quadro 1 - Algumas publicações sobre fontes de informações plurais

Título	Autoria	Abordagem
História oral como fonte: problemas e métodos (2011)	Júlia Silveira Matos Adriana Kivanski de Senna	Evidencia a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, não apenas os escritos.
A Alegoria do Patrimônio (2017)	Françoise Choay	Analisa como os monumentos (como estátuas) são construídos. Eles não são fontes "neutras" do passado; são discursos sobre o passado, erguidos por grupos no poder para solidificar uma versão específica da história.
Diversidade não é igual à pluralidade - Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo (2017)	Marcelo Kischinhevsky Luân Chagas	Propõe uma nova categorização de fontes jornalísticas diferenciando os conceitos de diversidade e pluralidade. Discute como a pluralidade de fontes é essencial para a democracia e para a qualidade da informação.
Guia Prático de Fontes de Informações para Pesquisa (2020)	Daiane de Oliveira Silva Matias Noll	É um guia que aborda estratégias de busca e recuperação de informação, destacando o uso de fontes plurais - formais, não formais e alternativas - no contexto da pesquisa acadêmica.
Fontes orais e sua relevância documental para as narrativas de memória nas organizações (2021)	Vanderleia Nobrega de Azevedo Cortes Valéria Aparecida Bari Cleide Aparecida Freires Belchior	Coloca a relação do arquivo e da gestão documental, expandindo a interdisciplinaridade entre Biblioteconomia e Documentação, destacando o poder da oralidade para preencher lacunas documentais existentes.

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

O uso de fontes plurais coloca em evidência a interdisciplinaridade e constrói uma pesquisa mais crítica. Elas ampliam os escopo da pesquisa, permitindo o acesso a diferentes camadas de conhecimento, segundo Silva e Noll (2020). Dutra e Barbosa (2018) nos fala de um enriquecimento dos saberes acadêmicos através desse diálogo plural, porque são capazes de reconhecer diferentes formas de produção e circulação de conhecimento.

De acordo com Santos e Ramos (2023), as epistemologias do Sul promovem o diálogo entre saberes, desierarquizando o conhecimento e estimulando uma empatia cultural. Nesse contexto, as formas de saber indígena destacam-se por valorizar a conexão com a terra, a oralidade, os rituais e a coletividade, em contraste com a racionalidade fragmentada do pensamento ocidental (Santos; Silva, 2023). Do mesmo modo, as epistemologias dos povos negros configuram sistemas de

conhecimento ancestral, espiritual e político, que se expressam em manifestações culturais e literárias de resistência, identidade e enfrentamento político (Fontes; Taketti, 2025).

Essas abordagens ampliam o conceito de fonte de informação, incorporando oralidades, imagens, símbolos, narrativas e práticas culturais como legítimas formas de transmissão de conhecimento. Assim, as epistemologias contra-hegemônicas contribuem para uma Biblioteconomia plural e inclusiva, que reconhece e valoriza diferentes modos de saber e de estar no mundo.

4 O TARÔ COMO SISTEMA SIMBÓLICO E PRÁTICA INTERPRETATIVA

Para compreender o Tarô, é essencial revisitar as origens dos jogos e observar como as civilizações se apropriaram dessas práticas lúdicas não apenas como forma de entretenimento, mas também como dispositivo de transmissão de conhecimento e de preservação cultural, muitas vezes associados à misticidade e ao sagrado. Tais jogos possuem raízes na mitologia de diversos povos.

No Egito Antigo, por exemplo, existiam jogos de tabuleiro que eram utilizados para explicar através de narrativas míticas a origem do universo. Segundo uma dessas lendas, os irmãos Geb, rei da Terra, e Nut, rainha dos céus, mantinham uma relação incestuosa, da qual Nut engravidou. Rá, o deus criador, ao descobrir a situação, proibiu que Nut desse à luz em qualquer período do calendário. Thot, (outro amante de Nut) considerado mestre dos jogos, desafiou a Lua em uma partida de tabuleiro e conseguiu “reunir” cinco dias adicionais ao ano. Dessa forma, Nut pôde dar à luz a cinco divindades: Ísis, Osíris, Néftis, Seth e Hórus.

Essa narrativa revela a existência de práticas lúdicas no Egito Antigo, além dos jogos de tabuleiro, estavam o *mehen*, de formato circular que representava uma serpente, e o *senet*, jogado com dados e peões. No campo da adivinhação, os egípcios utilizavam oráculos registrados em papiros e apresentados diante de imagens divinas ou durante procissões. Nessas ocasiões, as respostas eram transmitidas por meio das estátuas dos deuses ou pelas palavras dos sacerdotes. Em geral, tais consultas estavam relacionadas a questões cotidianas. Ressalta-se, contudo, que apesar do vasto simbolismo e da riqueza mitológica egípcia, não há evidências de qualquer relação direta com os símbolos do Tarô, ao contrário do que defendeu Antoine Court de Gébelin.

Na Antiguidade Clássica, gregos e romanos jogavam dados e ossinhos (astragali), sendo nesse período que os chamados “jogos de azar” começaram a se consolidar. Os jogos de dados, surgidos no vale do Indo por volta de 2000 a.C., foram utilizados por egípcios, gregos e romanos, mantendo-se populares até a Idade Média. É relevante observar que o termo “azar” deriva do árabe az-zahr, que significa “dado”.

Figura 1 - Dados e peões da época romana



Fonte: Nadolny (2022).

O primeiro registro histórico sobre cartas data de 1370 (Nadolny, 2022), denominadas *naips* ou *naibi* no sul da Europa, e *chartae* ou *karten* (cartas) no norte. Em um tratado de Johannes, de 1377, encontra-se a menção a *ludus cartarum* (jogo de cartas), considerado o documento mais antigo a tratar desse tema. No entanto, a provável origem das cartas remonta ao Oriente. Os mamelucos, povos do Oriente Médio, possuíam um conjunto de cartas provenientes da Pérsia, que por sua vez teriam chegado da China. Essas cartas provavelmente ingressaram na Europa por meio da Itália, em especial pela cidade de Veneza.

Figura 2 - Cartas mamelucas, Egito, século XV



Fonte: Nadolny (2022).

Figura 3 - Carta de jogo chinesa, 1400



Fonte: Nadolny (2022).

Outra teoria aponta que as cartas teriam origem europeia, mais especificamente na Alemanha, conforme defende o historiador Henry René d'Allemagne (*apud* Nadolny, 2022). A partir daí, teriam se difundido para a Espanha e, posteriormente, para a Itália.

Ao abordar a história das cartas, é necessário, antes, compreender a trajetória do papel e da gravura. O termo “carta” deriva do latim e significa “papel no qual se escreve”. As primeiras cartas eram confeccionadas e ilustradas manualmente, o que as tornava produtos de alto custo. O papel foi inventado na China no século II e chegou ao Ocidente apenas no século XII, por meio da Espanha. Já a técnica da gravura surgiu na Europa, particularmente na Alemanha e na França, utilizando inicialmente a madeira e, mais tarde, o cobre. As primeiras gravuras eram fortemente influenciadas pela religiosidade da época, sendo a mais antiga conhecida uma representação da Crucificação, datada na Alemanha entre 1390 e 1410. A partir do século XV, as cartas começaram a se popularizar entre os europeus.

Figura 4 - Gravura do Mestre E. S., O Bufão e a Dama com Escudo, 1450-1470. BnF



Fonte: Nadolny (2022).

Os primeiros baralhos europeus foram produzidos na Alemanha, onde também se conservaram alguns dos exemplares mais antigos. Esses baralhos variavam entre 32 e 52 cartas, mas apresentavam uma estrutura comum: quatro sequências, três figuras da corte (rei, rainha ou cavaleiro, e valete) e cartas numeradas. A composição variava de acordo com cada país: na França, por exemplo, as figuras eram rei, rainha e valete; na Itália e na Espanha, rei, cavaleiro e valete; já na Alemanha, as figuras mudavam conforme o jogo. Posteriormente, com o desenvolvimento do Tarô, a Itália incorporou a figura da rainha e a França a do cavaleiro.

Os baralhos refletiam a realidade social de sua época, representando tanto personagens da corte quanto animais como falcões, cervos, leões, ursos e criaturas fantásticas como dragões. Entre os exemplos mais notórios estão o Baralho de Stuttgart, pintado entre 1427 e 1431, e a Rainha das Flores, pintada entre 1435 e 1440.

Figura 5 - O baralho de Stuttgart,
Paris 1869, BnF

Figura 6 - Mestre das cartas, Rainha das Flores



Fonte: Nadolny (2022).

A partir do século XVII, as cartas da corte passaram a ser associadas a nomes provenientes da mitologia e da história, tradição que persiste até hoje. Os reis receberam nomes como Carlos (Carlos Magno), César (Júlio César), Alexandre (o Grande) e Davi (rei bíblico). Quanto às rainhas, cuja origem é mais incerta, destacam-se Judite (heroína bíblica), Raquel (heroína bíblica), Palas (Atena, deusa grega da sabedoria) e Argine (anagrama de Regina). Já os valetes foram relacionados a personagens como Lahine (companheiro de Joana d'Arc), Heitor (herói da Guerra de Tróia), Lancelot (das lendas arturianas) e Ogier (companheiro de Carlos Magno).

Juntamente com as cartas numeradas e da corte, formaram-se os chamados naipes, cuja configuração variava conforme as regiões. No século XV, na Alemanha, surgiram os naipes germânicos (folha, glande, sinos e coração). Na Itália e na Espanha, estabeleceram-se espada, bastão, denário e copa; na França, lança, trevo, losango e coração. Essa estrutura foi a base para os arcanos menores do Tarô.

Figuras 7 e 8 - Valetes de Glandes e 8 de Glandes (cartas alemãs)



Fonte: Nadolny (2022).

Figura 9 - Cartas italianas, século XV



Fonte: Nadolny (2022).

Os significados atribuídos aos naipes permanecem objeto de hipóteses. É possível que espadas e bastões estejam associados ao combate, representando a guerra e a violência; as copas, ao Santo Graal ou ao ato de beber, remetendo à

saciedade; e os denários, ao comércio e às trocas monetárias. Em todos os casos, trata-se de elementos intrinsecamente ligados à vida cotidiana da época.

Quadro 2 - Arcanos menores do Tarô de Jean Noblet

Descrição	Representação ilustrativa
<p>Ás de bastões, Tarô de Jean Noblet, 1650</p> <p>Apresenta um bastão vertical adornado com elementos vegetais, representando a vitalidade, o crescimento e a força criadora. No contexto simbólico, o bastão relaciona-se ao trabalho, à ação e ao princípio da energia que dá início aos empreendimentos humanos.</p>	
<p>Ás de Copas, Tarô de Jean Noblet, 1650</p> <p>Mostra uma taça ornamentada, por vezes encimada por flores ou elementos aquáticos. É tradicionalmente associada à dimensão afetiva, ao amor, à espiritualidade e à fertilidade. A copa pode também remeter ao Santo Graal, símbolo do sagrado e do mistério divino.</p>	
<p>Ás de Espadas, Tarô de Jean Noblet, 1650.</p> <p>Traz uma espada erguida, geralmente envolta por ornamentos e coroada. Está relacionada à luta, ao poder e à justiça. Simbolicamente, representa a razão, o discernimento e a capacidade de decisão, mas também a violência e a guerra.</p>	

Âs de Denários, Tarô de Noblet, 1650.

Apresenta uma moeda de grande tamanho, ornamentada e ricamente detalhada. Refere-se ao plano material, abrangendo o comércio, a riqueza e a prosperidade. Ao mesmo tempo, simboliza a concretização e a estabilidade, ou seja, a manifestação do espírito no mundo físico.



Fonte: adaptado de Nadolny (2022).

Essas quatro cartas, reunidas, representam os fundamentos simbólicos dos arcanos menores: ação (bastões), emoção (copas), pensamento (espadas) e matéria (denários). No Tarô de Noblet, cada **ás** funciona como a condensação da essência de seu naipe, fornecendo a base interpretativa para as demais cartas numeradas e da corte.

Inicialmente, os naipes foram associados às artes da guerra, como descreve Pietro Aretino em *Le carte parlati* (Veneza, 1545), obra em que trata as cartas como jogo de azar e relaciona os naipes aos seus efeitos negativos, visão também compartilhada por Convarrubias no século XVII. Posteriormente, os naipes passaram a ser interpretados como representações de virtudes: espadas (justiça), bastões (força), copas (fé) e denários (caridade).

No século XVI, o bibliotecário francês Jean Gosselin (1582) associou os naipes aos elementos da natureza: os losangos (denários) corresponderiam à terra; os trevos (bastões), à água, por serem plantas que crescem em ambientes úmidos; os corações (copas), ao ar, por sua indispensabilidade à vida; e as lanças (espadas), ao fogo, elemento penetrante.

Já Claude-François Ménéstrier (1704) estabeleceu uma relação entre os naipes e as classes sociais de sua época: o clero (copas), a nobreza (espadas), os burgueses e comerciantes (denários) e os trabalhadores ou camponeses (bastões). Autores modernos também propuseram correlações:



- **Eliphas Levi:** bastões (Leão/fogo); espadas (Touro/terra); copas (Homem/água); denários (Águia/ar);
- **Stuart R. Kaplan:** bastões (trevos); espadas (lança); copas (coração); denários (losango);

- **Alejandro Jodorowsky:** bastões (Leão/fogo); espadas (Águia/ar); copas (Anjo/água); denários (Boi/terra).

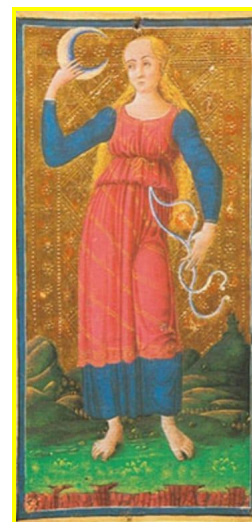
Essas múltiplas interpretações demonstram que o símbolo (do latim *symbolus*, “sinal de correspondência”) adquire significados de acordo com o contexto histórico e cultural em que foi produzido. Assim, compreender a simbologia do Tarô exige também compreender a época de criação e circulação desses símbolos.

A primeira menção ao Tarô data de 1440, no norte da Itália, sob a designação de *naibi de triunfos*. A família Visconti é central nesse processo, pois dela provêm os mais antigos baralhos de Tarô conservados no mundo, cartas pintadas à mão sobre fundo de ouro.

Quadro 3 - Alguns tarôs criados ao longo do tempo

Descrição	Representação ilustrativa
<p>Tarô Visconti di Modrone (1441): considerado o mais antigo conhecido e preservado, foi oferecido como presente de casamento entre Bianca Maria Visconti e Francesco Sforza. Aos triunfos, foram acrescentadas as três virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e as três virtudes cardeais (justiça, força e temperança).</p>	 <p>O Enamorado, 1441.</p>
<p>Tarô Brambilla ou de Brera-Brambilla (antes de 1447): pintado para o duque Fillipo Maria Visconti.</p>	 <p>O Louco, 1452 (fac-símile).</p>

Tarô Visconti-Sforza ou Pierpont Morgan-Bergamo (1450): criado em Milão, é o mais conhecido do grupo, amplamente reproduzido em fac-símile e comercializado como Tarô de Visconti.



A Lua, Milão, 1450

Tarô de Carlos VI (século XV): também chamado Tarô de Gringonneur, cuja designação é equivocada, pois não apresenta a estrutura completa do Tarô.



A Justiça, século XV

Tarô d'Este ou Este-Aragão, de Nápoles: datado de 1473, mesmo ano do casamento entre Hércules I d'Este e Leonor Aragão, restam 16 cartas conservadas na Biblioteca Beinecke.



O Mago, século XV.

Fonte: adaptado de Nadolny (2022).

Outros baralhos foram produzidos no século XV, embora menos conhecidos,

como o Tarô Rothschild, de Florença; o Tarô italiano Goldschmidt, preservado na Alemanha; e o Tarô Colleoni, conservado na Inglaterra. Já no início do século XX, destaca-se o Tarô de Rider-Waite-Smith¹, concebido por Arthur Edward Waite (1857–1942) e ilustrado por Pamela Colman Smith (1878–1951), cuja inovação foi a ilustração detalhada também dos Arcanos Menores.

O Tarô é composto por 78 cartas, divididas em 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores. Os **Arcanos Maiores** representam arquétipos universais e experiências fundamentais da vida humana, funcionando como um espelho da jornada existencial. São numerados de 0 a XXI: O Louco (0), O Mago (I), A Sacerdotisa (II), A Imperatriz (III), O Imperador (IV), O Hierofante (V), Os Enamorados (VI), O Carro (VII), A Justiça (VIII), O Eremita (IX), A Roda da Fortuna (X), A Força (XI), O Pendurado (XII), A Morte (XIII), A Temperança (XIV), O Diabo (XV), A Torre (XVI), A Estrela (XVII), A Lua (XVIII), O Sol (XIX), O Julgamento (XX) e O Mundo (XXI). Carregadas de simbolismo espiritual e psicológico, essas cartas são vistas como chaves para compreender os grandes mistérios da vida e etapas da jornada interior do ser humano.

Já os **Arcanos Menores** correspondem a 56 cartas divididas em quatro naipes: paus (ou bastões), copas, espadas e ouros (ou denários). Cada naipe contém 14 cartas, numeradas de Ás a 10, além das figuras da corte: Pajem (ou Valete), Cavaleiro, Rainha e Rei. Enquanto os Arcanos Maiores abordam experiências profundas e transformadoras, os Arcanos Menores retratam situações cotidianas, sentimentos, conflitos, conquistas e desafios práticos da vida, refletindo aspectos emocionais, materiais, intelectuais e espirituais.

Segundo o psicólogo suíço Carl Gustav Jung, os símbolos do Tarô se relacionam ao inconsciente coletivo e à dimensão arquetípica da alma humana. Partindo dessa leitura, Hajo Banzhaf (2023) interpreta os Arcanos Maiores como a narrativa da jornada do herói ou da heroína, iniciada com o Louco (0), arquétipo da criança interior e do impulso inicial, e culminando no Mundo (XXI), símbolo da plenitude e do autoconhecimento.

¹ A principal inovação desse baralho foi a representação ilustrada dos 56 arcanos menores, até então apresentados apenas de forma numérica e simbólica. O Tarô de Rider-Waite-Smith, publicado pela editora Rider & Son, possui forte simbologia judaico-cristã, cabalística e alquímica (Kazlauckas; Kao, 2024).

Figura 10 - O Louco, de Tarô de Rider-Waite-Smith



Fonte: Waite (2021)

No baralho Rider-Waite-Smith (RWS), O Louco (*The Fool*) é uma carta que representa novos começos, um salto de fé para o desconhecido, inocência e liberdade. A imagem mostra um jovem despreocupado, perto de um precipício, com um cão a morder-lhe o calcanhar, simbolizando lealdade e perigos. Ele carrega uma tralha de pertences e uma rosa branca, indicando o conhecimento e os desejos que o impulsionam na sua jornada. O Louco é um símbolo de potencial e de um caminho que deve ser trilhado com coragem e uma abertura para o desconhecido.

A psicologia junguiana compreende o ser humano como “incompleto”, pois parte de sua totalidade está oculta na “sombra”, fora da consciência. A cura, portanto, consiste em integrar essa totalidade, processo que o Tarô expressa simbolicamente, sobretudo por meio dos Arcanos Maiores. Jung denominou de “inconsciente coletivo” o conjunto de imagens primordiais partilhadas pela humanidade, independentemente de sexo, etnia ou idade, e os arquétipos do Tarô são representações desses padrões.

Assim, a Jornada do Louco reflete a aventura da vida humana: começa com o impulso inicial da criança interior e se transforma ao longo de experiências de perdas, ganhos, alegrias e dores, até alcançar o autoconhecimento no Mundo. Para

Banzhaf (2023), o Louco simboliza nosso lado ingênuo e curioso, aberto ao novo, cuja tarefa é experimentar e brincar, mas o risco é a confusão e a tolice.

Jornada inicia com O Mago, representando os inícios e todas as possibilidades e os potenciais são mostrados, as próximas cartas nos mostram as pessoas que nos são importantes nos primeiros anos de vida: a mãe (Imperatriz) e o pai (Imperador), o professor (Papa) e a professora (Papisa). A carta do Amante pode simbolizar nossa saída da adolescência e possivelmente nossas escolhas no mundo dos adultos. Na próxima tríade de cartas Carro, Justiça e Eremita, podemos ver o equilíbrio trazido pela Justiça entre o avançar no mundo em busca de nossas conquistas (Carro) e pela busca da sabedoria pela experiência (Eremita). A Justiça também pode representar as leis e normas de nossa sociedade. Seguindo com a Roda da Fortuna, mostrando as primeiras mudanças pela busca de uma elevação espiritual, passando pela carta da Força onde aprendemos a lidar com nossos instintos animais, levando-nos a fazer um abandono radical das nossas percepções de realidade (acima e abaixo) com a carta do Enforcado.

As próximas cartas mostram os dilemas e as situações difíceis, especialmente com a Morte mostrando as mudanças profundas em que nós estamos passando e que precisamos deixar o passado para trás, um certo alívio nos espera com a Temperança, que nos acalma e nos conforta depois das perdas do passado, porém precisamos olhar de frente para o paradoxo dos desejos e da nossa natureza humana simbolizada na carta do Diabo e entendermos que ilusões precisam ser rompidas e “quebradas” para conseguirmos nos conectar com forças superiores na carta da Torre.

Após todos esses colapsos, nós começamos a despertar – a nossa completa verdade interior – **Estrela** – precisamos nos aprofundar no nosso inconsciente – **Lua** – para podermos nos aceitar como nós somos – **O Sol**. A aceitação total significa um novo e benéfico estado de consciência – **O Julgamento** – buscando sua completa perfeição na carta do Mundo. Os arcanos maiores são considerados o “coração” do sistema.

Os arcanos menores é um conjunto de cartas divididas em uma série numeradas de 1 (Ás) a 10 e 4 cartas de personagens: pajem/valete, cavaleiro, rainha e rei, cada série faz parte de uma “família” chamada naipe, eis os naipes: copas, paus, espadas e ouros.

Figura 11 - Naipes



Fonte: Shutterstock [s. d.].

Ben-Dov (2020) e Jodorowsky (2016) prosseguem descrevendo os grupos dos naipes:

- **Ouros:** simboliza o corpo, as coisas materiais, as coisas práticas. Ele representa tanto o mineral bruto, quanto a moeda cunhada (nas cartas, os símbolos são de moedas), e a própria terra em si. O seu elemento seria a terra.
- **Paus:** simboliza o desejo, a criatividade, a paixão, a energia, o antagonismo. É um naipe que representa o crescimento, a sexualidade, Jodorowsky (2016) nos fala que o desejo é atração, não se inventa ou cria, mas simplesmente nasce, como os vegetais (os paus). O seu elemento seria o fogo (a vida).
- **Copas:** simboliza os sentimentos, romantismo, grupos sociais ou eventos sociais, ou algo intangível. Um naipe completamente receptivo, seus cálices podem conter qualquer tipo de líquido. Por isso seu elemento seria a água.
- **Espadas:** simbolizando o racional, o intelectual, a frieza mental. O poder do verbo corresponde a força desse naipe, também a crueldade de uma mente calculista. Jodorowsky (2016) compara a mente como uma arma que se forja e se afia. O elemento relacionado ao naipe é o ar.

Além das cartas numeradas nos arcanos menores, já mencionadas, destacam-se os personagens que aparecem em cada naipe: valete, cavaleiro, rainha e rei. Os valetes representam pessoas jovens e inexperientes, bem como situações

iniciais ou novas. Os cavaleiros, inspirados nos personagens medievais, simbolizam a busca e a ação no mundo, geralmente associadas a indivíduos mais experientes. As rainhas personificam a conquista, a realização e a estabilidade; são defensoras daquilo que foi construído e tendem a resistir a mudanças. Já os reis expressam maturidade, poder e controle, estando abertos a transformações (Ben-Dov, 2020).

O uso oracular e interpretativo do Tarô é amplamente conhecido. O dicionário Michaelis (2024) define “oráculo” como “manifestação de uma divindade, como resposta a quem se consultava” e como “pessoa cujo conselho revela grande sabedoria”. Ambos os sentidos remetem à ideia de resposta e orientação, exatamente o papel desempenhado pelo Tarô por meio de seus símbolos. O estudo desses símbolos, denominado tarologia (Naiff, 2016), possibilita ao tarotista compreender e interpretar mensagens e conselhos revelados pelas cartas. Tal leitura depende fundamentalmente do conhecimento e da sensibilidade interpretativa, e não de crença ou fé.

Essa prática recebe o nome de taromancia, uma forma específica de cartomancia, entendida, segundo o Michaelis (2024), como o ato de “adivinhar o futuro” por meio de cartas. Contudo, mais do que uma prática adivinhatória, a cartomancia constitui um exercício de orientação pessoal, aconselhamento e autoconhecimento. Reconhecida como prática laboral pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO n.º 5168-05), do Ministério do Trabalho e Emprego, a cartomancia integra um campo simbólico que dialoga com aspectos culturais e psicológicos da experiência humana.

Em síntese, o Tarô representa um sistema simbólico complexo que reflete arquétipos universais e processos psicológicos profundos. A Jornada do Louco, em particular, é uma metáfora da trajetória humana em busca de autoconhecimento e integração do ser. Por meio de sua estrutura dividida entre arcanos maiores e menores, o Tarô articula dimensões espirituais, emocionais, racionais e materiais da existência, funcionando tanto como instrumento de reflexão quanto de aconselhamento.

Assim, a prática da taromancia ultrapassa o aspecto místico e se consolida como um exercício interpretativo e simbólico, fundamentado em tradições culturais e psicológicas. O estudo de suas cartas e significados revela a riqueza imagética e a profundidade arquetípica do Tarô, reafirmando seu valor como ferramenta de leitura simbólica da experiência humana e de diálogo entre o inconsciente e a consciência.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: PERSPECTIVAS SOBRE O TARÔ COMO UM SABER CONTRA-HEGEMÔNICO

A reflexão sobre o tarô como fonte de informação conduz à discussão sobre a colonialidade do saber. Para Mignolo (2008), o pensamento moderno ocidental se estruturou por meio da marginalização e subalternização de saberes locais, impondo uma lógica eurocêntrica sobre aquilo que é considerado legítimo. A colonialidade do saber, mesmo após o fim formal do colonialismo, persiste como um domínio epistêmico que silencia ou apropria conhecimentos produzidos por povos indígenas, africanos, latino-americanos e outras comunidades historicamente marginalizadas.

Nesse contexto, o autor propõe o conceito de pensamento liminar, que emerge nas fronteiras geográficas, culturais e epistemológicas, não para substituir a racionalidade ocidental, mas para oferecer alternativas pluriepistêmicas, reconhecendo e valorizando diferentes modos de produção do conhecimento.

O conhecimento científico é definido sob diversas perspectivas na literatura. Ele é legitimado por instituições científicas e de pesquisa, e segue métodos rigorosos que lhe conferem confiabilidade, diferenciando-o dos conhecimentos não científicos. Seu objetivo é explicar fenômenos da natureza e da sociedade por meio de problemas de pesquisa bem delimitados, metodologias sistemáticas e processos analíticos que conduzem a resultados verificáveis.

Por outro lado, os saberes populares, como apontam Nascibem e Viveiro (2015), são conhecimentos acumulados ao longo da vida, transmitidos informalmente entre gerações por meio da experiência, observação e imitação. Esses saberes servem para explicar e compreender o cotidiano e, nessa perspectiva, o tarô pode ser compreendido como parte desse campo epistemológico não hegemônico.

A inserção do tarô nas epistemologias marginais ou subalternizadas evidencia que ele pertence a um conjunto de saberes deslegitimados pela ciência moderna ocidental. Gonçalves (2024) compreende o tarô como uma linguagem simbólica que opera por meio de arquétipos, imagens e narrativas profundamente enraizadas na tradição da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Em sua pesquisa, a autora aponta que o tarô “atua como espelho da psique, revelando conteúdos inconscientes e promovendo processos de autoconhecimento e individuação”. As imagens

arquetípicas presentes nas lâminas remetem a mitos, figuras históricas, elementos da natureza e estruturas sociais.

O tarô, portanto, constitui um elemento esotérico que agrega múltiplas crenças, individuais e coletivas. Segundo a Atena Editora (2023), a iconografia do tarô vem se transformando desde o século XVI, embora sua função simbólica permaneça essencialmente a mesma. Esse estudo afirma que:

[...] as lâminas retratam a vida e a sociedade europeia da época, com referências religiosas, culturais e comportamentais, permitindo que, ao longo de seis séculos, essas imagens tenham sido ilustradas de maneiras distintas, ainda que a mensagem simbólica tenha se mantido intacta.

A pluralidade epistemológica refere-se ao reconhecimento e à validação de múltiplas formas de produção e legitimação do conhecimento, rompendo com a hegemonia do modelo científico ocidental como único parâmetro de verdade. Nesse sentido, inclui-se também o conhecimento tarológico, entendido não como prática adivinhatória, mas como dispositivo de leitura de si e do mundo, capaz de gerar interpretações, reflexões críticas e construção simbólica de sentido. Assim, práticas interpretativas (consideradas não científicas) também produzem conhecimento significativo, sobretudo quando analisadas sob perspectivas antropológicas, culturais e informacionais (Santos, 2007).

As bibliotecas desempenham papel central nesse debate. Como instituições voltadas à mediação da informação e à promoção do acesso democrático ao conhecimento, elas se configuram como espaços fundamentais para o diálogo entre diferentes sistemas epistemológicos. Segundo Costa, Silva e Achilles (2024), as bibliotecas podem ser compreendidas como espaços democráticos orientados ao livre acesso, cuja função envolve mediações culturais e epistemológicas que promovem inclusão social e reconhecimento de saberes diversos.

Nesse contexto, a curadoria de acervos não deve se limitar apenas às produções científicas tradicionais, mas também contemplar saberes populares, indígenas, afro-brasileiros, LGBTQIAPN+ e de outras comunidades historicamente marginalizadas, reconhecendo a legitimidade e a importância desses conhecimentos para a construção de uma sociedade plural e inclusiva. Exemplos dessa prática, poderemos colocar o desenvolvimento de coleções que dialoguem com questões locais (curadoria temática), como cultura afro, literatura marginal, principalmente em

bibliotecas escolares (Costa; Silva; Achilles, 2024). Podemos falar também sobre oficinas de leitura, que são práticas que permitem o intercâmbio de saberes populares, especialmente em bibliotecas comunitárias, é uma estratégia para legitimar narrativas orais e produções independentes (Silva, 2019).

O tarô como um sistema de representação simbólica capaz de transmitir conhecimento por meio da imagem, atuam como um “espelho da psique” revelando imagens inconscientes e promovendo processos de autoconhecimento, ele constitui uma linguagem, organizando e transmitindo um conhecimento simbólico (Gonçalves, 2024). As cartas funcionam como textos imagéticos, construindo histórias e significados múltiplos, permitindo diversas formas de interpretação segundo o contexto cultural individual ou coletivo, ou seja, uma informação imagética em cada carta remete a sentidos diversos (Oliviera, 2023). Os símbolos visuais transmitem informações que transcendem o racional linear, fazendo com que sua imagem objetiva também se torna subjetiva, espiritual e cultural, isso valoriza o sensível e o intuitivo como formas de conhecimento, uma epistemologia alternativa (Durand, 1997).

Dessa forma, considerando o tarô como saber contra-hegemônico nas bibliotecas, propomos práticas como:

- a) **Rodas de diálogo de saberes:** organizar debates como o tema “Tarô, Ciência e o Inconsciente Coletivo”, convidando um(a) tarólogo(a), um(a) psicólogo(a) junguiano e um(a) sociólogo(a) ou historiador(a);
- b) **Oficinas de leitura simbólica:** oferecer oficinas como “O Tarô como Livro Mudo: Leitura de Imagens e Narrativa Simbólica” (utilizando a perspectiva de Jodorowsky ou Jung), focando na interpretação da iconografia e dos arquétipos;
- c) **Exposições e curadorias temáticas:** criar exposições como “A Jornada do Louco: Arquétipos, Mitos e a História da Leitura de Imagens”, exibindo diferentes baralhos históricos de Tarô ao lado de livros de mitologia, psicologia e história da arte.
- d) **Programas de referência não-convencional:** mediar a busca por informações sobre espiritualidade, medicinas alternativas ou artes divinatórias, direcionando o usuário a fontes confiáveis (dentro do campo do saber em questão) e/ou conectando-o a grupos de discussão sobre o tema.

Ao incorporar produções e práticas associadas ao tarô e a outros sistemas simbólicos, as bibliotecas ampliam seu compromisso com a diversidade cognitiva e cultural, fortalecendo-se como espaços de convivência entre saberes. A Ecologia dos Saberes, desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos, defende a coexistência de múltiplas formas do saber, isso significa o reconhecimento, como legítimos, de saberes populares, espirituais, intuitivos e simbólicos (Santos, 2007). O autor evidencia que os sistemas simbólicos não são meras práticas esotéricas, mas formas de conhecimento que vão além da hegemonia científica e vão ampliar os horizontes epistemológicos.

A mediação bibliotecária passa, assim, a incluir não apenas a organização e disponibilização de materiais, mas também o estímulo à reflexão crítica, ao diálogo intercultural e ao respeito às múltiplas formas de compreender o mundo. Desse modo, o debate sobre a pluralidade epistemológica reforça o papel das bibliotecas como ambientes que não apenas preservam o conhecimento, mas também legitimam formas alternativas de produção de sentido, contribuindo para um ecossistema informacional mais amplo, democrático e inclusivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tarô, compreendido como um sistema simbólico, revela-se também como uma forma de linguagem capaz de transmitir informações por meio de suas imagens e arquétipos. A análise de sua trajetória histórica demonstra que suas representações visuais passaram por um processo contínuo de transformação, preservando, contudo, uma estrutura simbólica que se mantém reconhecível desde suas origens na cultura italiana medieval. Essa permanência evidencia a profundidade antropológica do tarô e sua relação com a construção de significados humanos ao longo do tempo.

A partir dessa pesquisa, observou-se que essa linguagem simbólica se manifesta como um instrumento de interpretação da experiência humana, especialmente quando associada à perspectiva junguiana, que compreende o tarô como expressão da psique e dos arquétipos universais. Apesar disso, saberes como a taromancia continuam sendo desvalorizados pelas epistemologias científicas hegemônicas, marcadas por um pensamento ocidental linear que, historicamente, marginalizou conhecimentos populares e práticas interpretativas não alinhadas ao paradigma racionalista dominante.

Os resultados deste estudo sugerem a necessidade de ampliar o olhar sobre as múltiplas formas de produção e circulação do conhecimento, reconhecendo que há epistemologias que foram silenciadas ou invisibilizadas por estruturas culturais e científicas excludentes. Nesse sentido, o debate sobre o tarô como fonte de informação, especialmente em ambientes como bibliotecas, instituições tradicionalmente dedicadas à preservação, mediação e difusão do saber, pode favorecer reflexões mais amplas sobre diversidade epistemológica, pluralidade cultural e inclusão de saberes não hegemônicos no campo informacional.

Dessa forma, a taromancia, enquanto prática informacional e cultural, merece ser investigada com maior profundidade, não apenas como um objeto simbólico, mas como expressão legítima de conhecimentos que influenciam modos de ser, interpretar e significar o mundo. Este estudo, portanto, abre possibilidades para futuras pesquisas que busquem compreender como saberes populares e epistemologias alternativas podem dialogar com o campo da Ciência da Informação, contribuindo para uma visão mais ampla, crítica e inclusiva do que entendemos por informação.

REFERÊNCIAS

BANZHAF, Hajo. **Manual do tarô**: Origens, significados ocultos, instruções e os 12 métodos práticos de tiragem das cartas. São Paulo: Pensamento, 2023.

BEN-DOV, Yoav. **O Tarô de Marselha revelado**. São Paulo: Pensamento, 2020.

BEN-DOV, Yoav. **Tarô de Marselha CBD**. São Paulo: Pensamento, 2020.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupação**. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/>. Acesso em: 14 maio 2024.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e ciência da informação**. Disponível em: capurro.de/ENANCIB_p.htm. Acesso em: 12 dezembro 2025.

CAMPELLO, Bernadete. **Fontes de informação I**. Brasília, DF: CAPES: UAB, 2018.

CLUBE DO TARÔ. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/index.asp>. Acesso em: 9 maio 2025.

COSTA, Gabriela Ferreira de Oliveira Miranda da; SILVA, Roberta de Oliveira; ACHILLES, Daniela. Bibliotecas públicas e escolares: similaridades, enganos e possibilidades. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 10, 2024.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

DICIONÁRIO ON-LINE MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 9 maio 2024.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUTRA, Fernanda Gonçalves; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Modelos e critérios para avaliação da qualidade de fontes de informação: uma revisão sistemática de literatura. **Revista PBCIB**, [S. l.], 2018.

EDITORA ATENA. **Religião e sentido à vida**: narrativas histórias, tradições e símbolos. [S. l.]: Editora Atena, 2022.

FONTES, João Victor Arruda; TAKEITI, Bruna Akemi. Po(é)ticas sociais e subjetivas afro-brasileiras: ensinamentos dos povos negros e indígenas. **Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1-22, 2023.

GALINDO, Adalgisa de Oliveira; Linhas Epistemológicas Contemporâneas e a questão epistemológica. **Revista Portuguesa Interdisciplinar**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 63-96, jan./jul. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Aline Pereira Batista. **Tarô como expressão simbólica**: um estudo sob a perspectiva da Psicologia Analítica. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2024.

GREENBERG, Yvan. Imaginal research for unlearning mastery: Divination with tarot as decolonizing methodology. **Anthropology of Consciousness**, [S. l.], v. 34, n. 2, pp. 527-549, 2023.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. **O Caminho do Tarot**. São Paulo: Campos, 2016.

KAZLAUCKAS, Kao. **A história do tarô para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2024.

LE COADIC, Yves. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEISTERDRUCKE. **Bonifácio Bembo**. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

NADOLNY, Igor. **História do Tarô**: um estudo completo sobre suas origens, iconografia e simbolismo. São Paulo: Pensamento, 2022.

NAIFF, Nei. **Curso Completo de Tarô**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2012.

NAIFF, Nei. **Quem é Naiff?** Disponível em: <https://www.neinaiff.com/>. Acesso em: 10 nov. 25. *(A data de acesso "10/11/25" foi interpretada como 10 nov. 2025)*

NASCIBEM, Flávia Goulart; VIVEIRO, André Almeida. Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino de ciências. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 181-196, jan./jun. 2015.

NODA, Oswaldo. Epistemic hegemony: the Western straitjacket and post-colonial scars in academic publishing. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 63, n. 1, e007, 2020.

OLIVEIRA, José Luis Vianna de. O Tarô como objeto de pesquisa: Uma análise dos últimos 10 anos de publicações nacionais. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 17, n. 35, p. 1-21, jan./jun. 2023.

POLLACK, Rachel. **Bíblia Clássica do Tarô**: jornada completa. Rio de Janeiro: Dark Side Books, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Bianca Bezerra; RAMOS, Mariana Brandão. Epistemologias contra hegemônicas: os movimentos sociais e a decolonialidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC), 14., 2023, Caldas Novas. **Anais** [...]. Caldas Novas: ABRAPEC, 2023. p. 1-13.

SANTOS, Michele Leite Pereira Dias dos; CAVALCANTE, Carla Vieira; OLIVEIRA, Déborah Leal. Epistemologias contra-hegemônica para internacionalização da educação superior. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 34, n. 1, p. 1-12, jan./mar. 2024.

SANTOS, Silvana Pessoa dos; SILVA, Geovanna Nobre da. Reflorestando epistemologias: pensamento indígena agenciando ao fim do mundo. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013. *(Adotada a 23ª edição, mais recente e comumente citada)*

SILVA, Djenane Oliveira da; NOLL, Marcia. **Guia Prático de Fontes de Informações para Pesquisa**. Goiânia: Edição das autoras, 2020.

SILVA, Márcia Alves da. **Bibliotecas comunitárias e saberes populares**: uma análise crítica. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

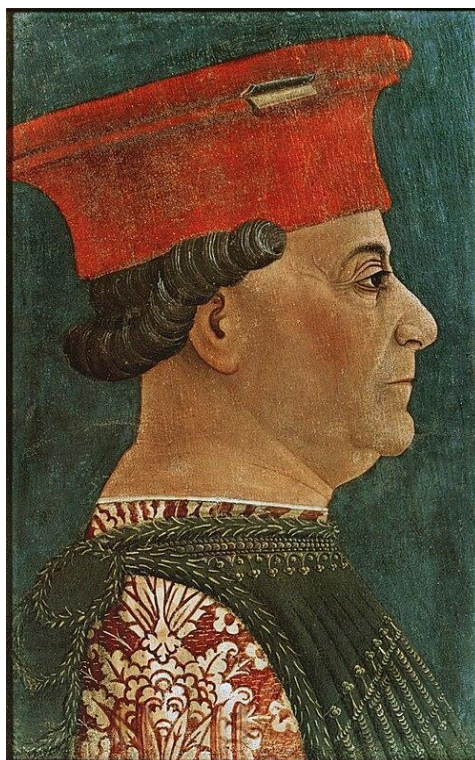
SILVA, Márcia Alves da; FERREIRA, Rodrigo Moreira. A produção nacional sobre epistemologia em Ciência da Informação. **Revista EDICIC**, La Plata, v. 13, n. 1, e157, 2022.

SOUSA, Nayara Caroline Sales da Silva; NASCIMENTO, Adalberto Martins do. Apontamentos críticos sobre a colonialidade do saber: em defesa da pluralidade de construção do conhecimento. **Articulação, construção e saber**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 247-272, jan./jun. 2018.

APÊNDICE A - MINIBIOGRAFIAS DE PERSONALIDADES QUE DESENVOLVERAM TARÔS

Houve muitas personalidades que contribuíram para uma variabilidade do ensino e da arte de desenvolver baralhos de tarô no decorrer dos séculos. Eis algumas selecionadas abaixo para mais informações.

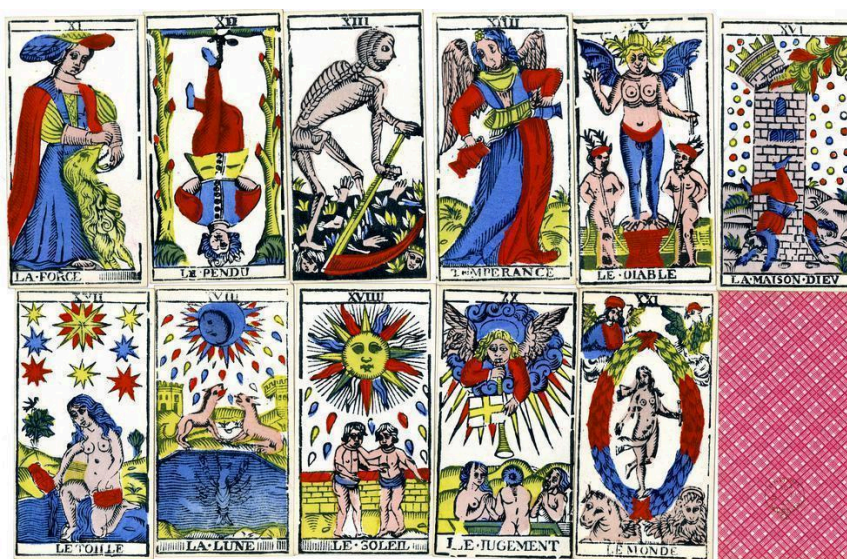
Figura 12 - Bonifácio Bembo (1420 - 1482)



Fonte: meisterdrucke.pt

Pintor do Renascimento do norte da Itália, nasceu em 1420, em Brescia. Filho do pintor Giovanni Bembo, o seu caminho na pintura começou na cidade de Cremona. Bembo foi apadrinhado pela família Sforza e foi encarregado pela mesma de além de pintar os retratos de Francesco Sforza e de sua esposa Bianca Maria Visconti (famílias muito importante da época), foi responsável pela produção de um baralho de cartas de tarot para as famílias **Visconti-Sforza**, que se encontra atualmente na Coleção Cary de Cartas de Jogar da Universidade de Yale.

Figura 13 - Tarô no estilo Nicolas Conver (1760)



Fonte: google.com

Foi um fabricante de cartas de tarô, que segundo Ben-Dov (2020) muito pouco se sabe. O que é mais importante que se possa saber é que seus baralhos, de **linhagem de Marselha**, foram os mais **fiéis e precisos** dos antigos símbolos do tarô.

Figura 14 - Etteilla (1738 - 1791)



Fonte: Clube do Tarô

Seu nome verdadeiro era Jean Baptiste Alliette, nascido na França, em Paris, foi o primeiro tarólogo profissional, popularizando a divinação com o tarô e a

relacionar tarô, astrologia e os quatro elementos (terra, fogo, água e ar), em outras palavras, foi o primeiro a relacionar ocultismo ao tarô.

Escreveu vários livros sobre o assunto, como “*Etteilla, ou manière de se récréer avec un jeu de cartes*” (Etteilla, ou um modo de se entreter com um baralho), um livro sobre divinação com cartas comuns; “*Manière de se récréer avec le jeu de cartes nomées Tarots*” (Como se entreter com um jogo de cartas denominado Tarots), o primeiro livro dedicado ao tarô e que vem acompanhado com o baralho e em 1788 publica seu primeiro baralho, cujo título era “Tarô de Thot”, dando uma origem mitológica ao tarô (Egito Antigo).

Sendo assim, ele foi o primeiro autor a publicar uma gramática, uma metodologia de leitura para as cartas, ou seja, fez vir ao público uma primeira literatura que ensinasse passo a passo e fundou uma escola (Kazlauckas, 2024). Além de inaugurar a cartomancia popular.

Figura 15 - Oswald Wirth (1860 - 1943)



Fonte: google.com

Nasceu na Suíça, foi um estudioso da Cabala, escritor, ocultista, viveu grande parte de sua vida na França, lançou um dos baralhos de Tarô fundindo ideias ocultistas, que foi muito popular. Ele também relacionou uma letra do alfabeto hebraico a uma carta dos Arcanos Maiores, segundo as ideias de Papus (era um

ocultista muito influente na época), surgindo “*Le Tarot des imagiers du MoyenÂge*”, em março de 1889.

Figura 16 - Papus (1865 - 1916)



Fonte: google.com

Cujo nome verdadeiro é Gérard Anaclet Vincent Encausse, foi um dos maiores ocultistas da sua época. Formado em medicina, autor de inúmeras obras sobre ciências ocultas, especialmente de um livro chamado “O tarô dos boêmios” (1889) e do baralho “O tarô adivinhatório” (1909), cujo valor tarológico foi de muita importância, pois a obra trata de um emaranhado de analogias simbólicas astrológicas, cabalistas, hindus, com letras hebraicas, sânscrito e hieróglifos egípcios, dando uma visão mais eclética, e uma ferramenta de autoconhecimento.

Figura 17 - Arthur Edward Waite (1857 - 1942)



Fonte: google.com

Ocultista, nasceu em Nova York, foi autor de muitos livros que abordam esoterismo, adivinhação, magia cerimonial, cabala, alquimia. Mudou-se com a família para Londres, onde se encantou com o cerimonial do catolicismo. Em janeiro de 1891, foi admitido numa ordem mágica chamada Ordem Hermética da Aurora Dourada. Waite é autor, junto com Smith, do baralho Raider-Waite-Smith, um dos mais populares baralhos de todos os tempos.

Figura 18 - Pamela Colman Smith (1878 - 1951)



Fonte: google.com

Pamela foi uma atriz, pintora, ilustradora, uma artista e nasceu na Inglaterra, em Londres. Filha de Charles Edward Smith e Corinne Colman. Fez parte de uma companhia de teatro, viajando por toda Inglaterra. Estudou Belas Artes, com o professor Arthur Wesley Dow. Dona de um estilo próprio, foi ilustradora de várias obras como de Bram Stoker e William Butler Yeats. Também foi admitida na Ordem Hermética da Aurora Dourada, onde conheceu Waite e juntos criaram o baralho Raider-Waite-Smith.

Figura 19 - Alejandro Jodorowsky (1929 -)



Fonte: google.com

Ele é um cineasta chileno, escritor, roteirista de quadrinhos, místico, terapeuta, psicomago e tarólogo. Em seu mais prolífero livro “O caminho do tarot”, Jodorowsky descreve sua relação com o baralho, além de nos relatar uma restauração feita do Tarô de Marselha, junto a Phillipe Camoin, o último herdeiro da Maison Nicolas Conver - a casa que fabricava anteriormente baralhos de tradição marsehesa. Assim surgiu um Tarô de Marselha adaptado para o século XXI.

Figura 20 - Yoav Ben-Dov (1957 - 2016)



Fonte: google.com

Nasceu em Israel. Estudou tarô com Jodorowsky. Lançou um livro publicado no Brasil como “O Tarô de Marselha revelado”, dedicou-se por mais de 30 anos ao ensino do tarô. Foi responsável por uma restauração do Tarô de Marselha de Nicolas Cover (1760) em 2010, pela U.S. Games Systems. Foi lançado no Brasil pela Editora Pensamento com o título “Tarô de Marselha CBD”. Morreu em 2016 em consequência de uma parada cardíaca.

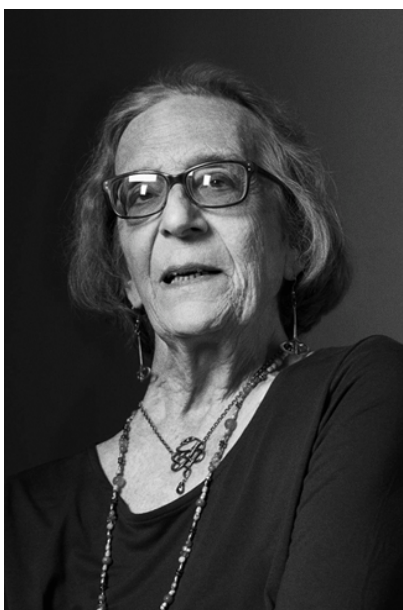
Figura 21 - Nei Naiff (1958 -)



Fonte: google.com

Brasileiro, nasceu em Jundiaí/SP, seu nome real é Claudinei dos Santos, tarólogo, astrólogo e autor. Desde 1988 possuindo uma vasta experiência com aulas, palestras (especialmente em congressos e encontros internacionais) e consultas. Publicou um Curso Básico de Tarô, pela Editora Alfabeto. Naiff criou e mantém uma escola on-line de tarot, onde compartilha seus ensinamentos.

Figura 22 - Rachel Pollack (1945 - 2023)



Fonte: google.com

Pollack foi uma estudiosa de tarot, escritora e professora de literatura e escrita criativa. Nasceu em Nova York. Considerada uma das maiores autoridades no assunto, publicou diversos livros, pioneira em assuntos feministas e queers na temática. Seu livro “Bíblia Clássica do Tarot” publicado pela editora Darkside é uma das suas obras mais divulgadas.